

ITINERARIUM

Revista Quadrimestral de Cultura

ESTUDOS

P. MANUEL LUÍS MARQUES, OFM – Textos Filosóficos Pré-Socráticos – Crátilo	353-354
ANTÓNIO DE SOUSA ARAÚJO – Colóquio sobre a Obra Filosófica de Manuel Barbosa da Costa Freitas <i>O ser e os seres</i>	355-360
VICTOR SILVA – A Criação em Aberto na Filosofia de Costa Freitas	361-371
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL – A Visão Criacionista em Manuel Barbosa da Costa Freitas	373-380
AMÉRICO PEREIRA – Édipo: do nascimento do homem, à morte da tragédia	381-384
ANTÓNIO CAMPELO AMARAL – A-Teísmo, Anti-Teísmo e Hiper-Teísmo: antecedentes Gregos na Trilogia “Apolo-Orfeu-Dioniso”	385-392
JOSÉ MARIA SILVA ROSA – Um Testemunho. A Festa da Inteligência	393-401
CASSIANO REIMÃO – Perspectivas filosóficas e pedagógicas na obra de Miguel Torga	403-422
JOÃO BIGOTTE CHORÃO – Depoimento de um “Enciclopedista”	423-427
NOÉMIA LOPES – Rituais de Afecto	429-433
MAFALDA FARIA BLANC – Processualidade do Ser e Acto	435-462
JOSÉ ANTUNES DE SOUSA – A Questão Ética em Vergílio Ferreira	463-480
HERMÍNIO ARAÚJO – A pessoa e a vida nas bioéticas actuais. Contributo do pensamento franciscano	481-488
MARIA ALIETE GALHOZ – A Virgem e o Cego – Lenda derivada dos “Evangelhos Apócrifos”	489-497
ANTÓNIO DE SOUSA ARAÚJO – OP. Fr. António Joaquim Dias Dinis, OFM, (1903-1980) no Centenário do seu nascimento. Biografia e Obra. ...	499-537
RECENSÕES	539-541
ÍNDICES	543-544

Ano L — N.º 180 — Setembro - Dezembro

2004

Um Testemunho. *A Festa da Inteligência**

por

*José Maria Silva Rosa**

Quando pela primeira vez fui contactado para esta iniciativa, mais do que um *Colóquio* pensei que se tratava de dar continuidade, agora em franciscana circunstância, à Homenagem que a Universidade Católica houve por bem prestar-lhe em razão dos seus mais de 36 anos de trabalho *et sudoris nimis*. Assim se prolongaria aqui, em *ar de família*, o que ali formalmente começara.

Neste sentido, mais do que uma sessão de estudo sobre os textos que compõem os dois tomos de *O Ser e os seres* agora editados – título de indisfarçável sabor blondeliano —, muitos dos quais comecei a ler ainda estudante e aluno em Filosofia Medieval do Professor Costa Freitas, pensei que se tratava de algo mais informal, tom que afinal este nosso encontro acaba por ter.

Seja como for, acabei por seguir uma via média, entre o testemunho e o estudo. Daí a razão do título que decidi dar a esta singela Homenagem: *A Festa da Inteligência*. Como se verá, procuro surpreender um ou outro traço que, parece-me, a imagem pública do Professor Costa Freitas nem sempre deixou transparecer tanto; digamos que vou esboçar apenas um breve fresco onde se evidencie que, para ele, a inteligência é realmente uma festa. Para tal selecionei uma ou outra afirmação que lhe “roubei” em diversa circunstância e ainda, para condimentar, alguns *flagrantes da vida real*.

Devo começar por confessar que, sinceramente, não sei bem se o próprio título é meu ou é dele. Tenho quase a certeza que, neste ou naquele contexto, tal expressão lhe veio à boca e será, pois, daí, no esbatido de uma memória, que a devo ter colhido. Homenageio-o, portanto, ainda com ele próprio: «*Da quod iubet et iube quod vis*», salvaguardadas as distâncias, evidentemente. De facto, o que quero dizer com isto é que, durante cerca de doze anos de convívio diário, tivemos

* Dadas as circunstâncias da *Homenagem*, o texto apresenta marcas de oralidade que não poderiam ser retiradas sem reescrever totalmente o texto. Foi-nos pedido, ademais, que o mantivéssemos tal qual.

* Universidade da Beira Interior.

muitas conversas, partilhámos muitos momentos bons e menos bons, tecemos cumplicidades que se foram metendo pelos interstícios da linguagem. E nisto tudo, já como Aluno já como seu Assistente, uma das coisas que sempre me surpreendeu e me tocou profundamente no Professor Costa Freitas foi e é a naturalidade como nele a inteligência se transforma em festa, sobretudo quando provocada por uma pergunta pertinente.

Pascal afirmava, como todos sabemos, que «os princípios sentem-se e as proposições concluem-se» (*Pensées*, frg. 110/282). E, continua ao autor de *Pensées*, que «é tão inútil e tão ridículo que a razão peça provas ao coração dos seus primeiros princípios para os aceitar e neles consentir, como seria ridículo que o coração pedisse à razão um sentimento de todas as proposições que demonstra para querer acolhê-las.»

Contrariamente a este homem pascaliano, rasgado entre dois abismos e onde a inteligência e o coração só podem andar de candeias às avessas, podemos dizer que na ontologia e na antropologia integrais do Professor Costa Freitas estas duas ordens andam sempre de mãos dadas. Numa certa ordem de razões, também a razão pode sentir e o coração pode provar. É justamente neste encontro que se dá o que chamo a *festa da inteligência*, quero dizer, daquela inteligência cordial ou daquele coração inteligente, presentes no seu pensamento e que cortam cerce todas as tentativas de golpe de estado, venham elas da razão ou do coração. E quando refiro o seu pensamento, não me refiro apenas no seu pensamento escrito, mas também e sobretudo à sua expressão dialogal – aliás, é uma pena que muitos dos seus diálogos e das suas aulas não tenham sido gravados e passados a escrito. Com efeito, apesar de conhecer quase todos os textos que agora vieram a lume e de muito apreciar a finura e elegância do seu estilo – particularmente subtis são os textos sobre João Duns Escoto¹ —, considero que o Professor está mais inteiro, mais solto e mais inesperado no pensamento dialogante, na Acção. Digamos que a *festa da inteligência* é comunitária por natureza;

¹ Cf. «Da Pessoa em Escoto», in *Escola Franciscana*, XXVII (1946), pp. 49-61; «A Causalidade do Conhecimento em Duns Escoto», in *Itinerarium*, 22 (1958), pp. 421-466; «Escoto Perante as Recentes Investigações Histórico-Críticas», in *Itinerarium*, VIII (1962), pp. 185-202; «A Existência de Deus Segundo Escoto», in *Itinerarium*, XII (1966), pp. 161-192; «O Conhecimento Filosófico de Deus segundo J. Duns Escoto», in *Didaskalia*, XII (1982), pp. 243-298; «Escotismo», *VELBC*, Vol. 7, pp. 927-928; «Escoto (João Duns)», *VELBC*, Vol. 7, pp. 928-935. «Natureza e Fundamento Ontológico da Pessoa em Duns Escoto», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 50 (1994), pp. 155-163.

é para partilhar com os outros, pondo as almas a comungar numa mesma Vida.

Disse acima que, para o Professor Costa Freitas, a festa da inteligência começa, normalmente, com uma pergunta. De facto, muitas vezes assisti ao *kairós* de uma interrogação inteligente e oportuna funcionar como faísca de pederneira, incendiando a pólvora e dando início ao arraial. Outras me interroguei se não haveria aqui uma qualquer mimese, reminiscência ou ainda uma continuidade noética da festividade minhota, tão cheia de luz e colorido – estou a lembrar-me., v.g., das Festas de Viana, ali a dois passos de Barroselas; e não cuidem que é gratuita e descabida esta associação: quem conhece o Professor Costa Freitas sabe bem como a semântica dos seus diálogos – como a das entrelinhas dos seus textos – rescende a sabores, a cores e a odores que vêm do Minho profundo, bebidos na infância e que depois soube caldear, fundir e transfigurar com os clássicos da literatura, da filosofia, da teologia e da espiritualidade, como por exemplo, o célebre hino de *Confissões*, X, XXVII, 38, impar transfiguração espiritual dos cinco sentidos realizada por Agostinho, e que tantas vezes o ouvi trautear em latim: «*Sero te amaui, pulchritudo tam antiqua et tam noua, sero te amaui! Et ecce intus eras et ego foris et ibi te quaerebam et in ista formosa, quae fecisti, deformis inruebam. Mecum eras, et tecum non eram. Ea me tenebant longe a te, quae si in te non essent, non essent. Vocasti et clamasti et rupisti surditatem meam, coruscasti, splenduisti et fugasti caecitatem meam, flagrasti, et duxi spiritum et anhele tibi, gustavi et esurio et sitio, tetigisti me, et exarsi in pacem tuam.*» / «*Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti aquelas coisas que não seriam, se em ti não fossem. Chamaste, e clamaste, e rompeste a minha surdez; brilha-te, cintilaste, e afastaste a minha cegueira; exalaste o teu perfume, e eu respirei e suspiro por ti; saboreei-te, e tenho fome e sede; tocaste-me, e inflamei-me no desejo da tua paz.*»²

E depois do deleite sonoro das sílabas, degustadas em latim, vinha a tradução e vinham as incursões pelas profundezas do pensamento agostiniano, um pensamento também ele fogoso, incendiado de infinito, a convidar-nos para entrar na mesma festa. Destes meus primeiros

² Tradução portuguesa de Arnaldo do Espírito Santo, Cristina de Sousa de Castro-Maio Pimentel e João Beato (*Confissões*, Edição bilingue, Lisboa, IN-CM, 2000)

contactos como aluno o que ficou, em primeiro lugar, foi uma espécie de fascínio e deslumbramento pela polissemia do discurso. Havia no Professor Costa Freitas um à vontade natural para, numa única expressão ou termo, falar em três ou quatro registos semânticos diferentes. Sabia como poucos dominar e explorar o jogo dos subentendidos, das alusões, num puro *ludus* com a valência múltipla das palavras, das homofonias, das cacofonias, dos regionalismos, etc., para enriquecer e engravidar as palavras, procedimento que, no fim, quase sempre se traduzia numa fórmula sintética. Da análise para a síntese, expressa esta em fórmula como *chave-de-abóbada* ou cereja no alto do bolo: eis um ritmo que, evidentemente, não pode deixar de me lembrar a *ordo inveniendi* agostiniana e que, a meu ver, neste aspecto, é sem dúvida uma das maiores, se não a mais importante, influências no seu pensamento.

Recordo-me que um dia, para explicar melhor a ideia de *ordo* em Santo Agostinho recorreu à noção do *tutor*, *-is* (tutor, protector...), e de avançar daí, como se entrasse à vontade, por um milheiral adentro, faiscante de verde, para o termo *empa* que pode segurar um feijoeiro ou uma videira de latada, e, sempre na mesma toada, empunhar, seguidamente, um *estadulho* ou um *fueiro* (ou *esgadelho*) que tanto dá para segurar a carga de um carro de bois como para endireitar e corrigir o lombo a qualquer natureza preguiçosa: «*Levas com o estadulho!*» É verdade que nem todos sabiam o que era uma *empa*, um *estadulho*, um *esgadelho* ou um *varapau*, mas cada um captava a parte do sentido que podia, aquela que a sua própria experiência iluminava. Era, de facto, uma festa para a inteligência dos novéis aprendizes de filósofos. Sublinhe-se, contudo, que era uma policromia noética totalmente natural, sem nada de forçado.

Nestas incursões demonstrava outra característica que, a meu ver, é a marca por excelência da sua atitude filosófica. O Professor Costa Freitas é, por natureza e por convicção, um espírito radicalmente não-dogmático. Tal como Santo Agostinho ou Santo Anselmo, crê que é possível progredir sempre mais na inteligência da fórmula. Se esta é um termo de chegada é também, *a fortiori*, um ponto de partida. Este é talvez, em meu entender, um traço algo paradoxal nele, porque, publicamente, quer o «*Professor Costa Freitas*» quer o «*Pe. Freitas*» aparentam ter uma visão muito orgânica, muito ordenada e fixa do saber – alguns diriam «politicamente correcta» outros diriam mesmo dogmática – quando, quem o conhece bem, quem o lê nos recessos, por dentro, sabe que filosoficamente é a antítese de um pensamento cristalizado e

agarrado as estritas obediências do tipo: «*Si Augustinus adest, tibi sufficit*» ou ainda «*Kant locutus, causa finita*. Quantas vezes o ouvi e ainda ouço insurgir-se contra este tipo de pensamento enfileirado, arregimentado, escolar – *obediente* no pior sentido do termo – que repete, como se de oráculo se tratasse, a palavra de um suposto mestre.

Não quero com isto dizer que, filosoficamente, seja um relativista ou um irénico, para quem no fim todas as afirmações se equivalem, bastando apenas a dose certa de interpretação ou de retórica para tornar uma mais aceitável que outra. Longe disso! Simplesmente, há nesta atitude o que considero ser a exacta proporção porção de sadio cepticismo, de distanciamento crítico já face aos dogmatismos filosóficos já face aos dogmatismos teológicos ou outros, atitude que lhe permitia expor por dentro, sem preconceitos e com as razões dos próprios autores, pensadores como Hegel, Feuerbach, Marx, Nietzsche. Era isto que lhe permitia, por exemplo, assumir e fazer suas as razões do ateísmo, sem nunca entrar pelo o exercício fácil da caricatura ou da apologia, para depois, muito pacientemente, levar o ateísmo até aos seus limites especulativos e verificar aí a sua insustentabilidade.

Aliás, a este propósito tenho de deixar aqui, para que conste, uma sua afirmação que provocou reacções desencontradas entre os seus alunos, já filósofos já teólogos. Por exemplo, depois de expor magistralmente a *Genealogia da Moral* ou o *Assim Falava Zaratustra* costumava terminar com uma fórmula paradoxal que era, simultaneamente, uma grande verdade e uma grande provocação. A fórmula era «*São Nietzsche, ora pro nobis*». Que eu saiba, publicamente jamais explicou o sentido exacto que lhe queria dar. Mas também é verdade que sempre manifestou reticências em proferi-la ante público alargado, onde alguém, por incompreensão da sua intenção, pudesse ficar escandalizado. E, de facto, não é todos os dias que se encontra um Padre a colocar Nietzsche no Santoral das suas devoções. Mas, enfim, talvez se minore o efeito se se disser, logo a seguir, que é um Padre... Franciscano!

Na minha opinião, a dose de verdade e de convicção que punha nesta estranha *invocação* advinham de considerar Nietzsche um mestre insuperável na denúncia do que de pior se pode alapar sob o santo nome de amor, de caridade, de vida religiosa, etc. Nesse sentido, Nietzsche só pode ser um aliado natural da verdade do cristianismo, um iconoclasta imprescindível. Nietzsche seria, pois, aquele crisol ou ácido por onde qualquer fé deveria poder passar, sem medo. Não querer sujeitar-se a

essa prova é, no mínimo, merecedor de suspeita. E quero testemunhar aqui, porque a ocasião é propícia, que tal atitude de abertura e liberdade face aos «mestres da suspeita» lhe granjearam entre os alunos, não só da Universidade Católica, mas de modo especial entre os da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma grande admiração e respeito. Sem dúvida que, face a outros textos de Nietzsche (v.g., *Ecce Homo*), a fórmula teria algo de excessivo ou mesmo escandaloso, sobretudo para quem ainda mal compreendia o autor ou já levava preconceitos no boral. Não era pois, sem um misto, de desafio e de expectativa que nos lançava tal fórmula, a nós, *semi-betos* ou *semi-beatos* da Católica.

Confesso, por outro lado, que jamais senti que aquela atitude não-dogmática pusesse minimamente em causa a sua insuspeita e sincera adesão – e não *aderência*, diria ele imediatamente se estivesse numa aula – ao *corpus fidei* da tradição católica expressa no *Credo*. Mas a *fides quae* é sempre nele mais um aguilhão e um acicate à inteligência do que umas antolhas que nos mantém num pseudo-caminho recto ou para nos livrar da quota-parte de obscuridade que envolve as nossas existências crentes. A fé jamais trapaceia a existência humana, bem pelo contrário: *fides quaerens intellectum!*, exclamaria imediatamente com Santo Anselmo. E se eu exorbitar, o Professor Costa Freitas está aqui, entre nós – Graças a Deus! —, e pode desmentir-me à vontade ou precisar melhor o sentido quer da fórmula quer do modo como entende a relação Fé – Razão³. Todavia, tentando interpretar o seu pensamento o mais fielmente possível, creio que para ele a relação entre fé e razão, historicamente, é inesgotável. Daí que no «*crede ut intellegas; intellege ut credas*» / «*crê para compreenderes; compreende para que acredites*», que assume na primeira pessoa, haja uma espécie de reserva escatológica ou uma afirmação optimista de que é sempre possível progredir mais no *intellectus fidei* / inteligência da fé, espaço por onde entra justamente a tal reserva salutar face a todas as formulações humanas.

Era, pois, deste modo e neste âmbito de sala aula ou de gabinete que exercia o que tantas vezes chamava *pastoral da inteligência*. Com efeito, denegando de novo Pascal, considera que a fé não se dirige apenas ao coração, mas também à inteligência. Foi neste esforço, ao longo de anos, que deu o melhor de si, realizando o que diz ser *a sua obra* – i.e., os seus alunos. Como todos sabemos, os Padres da Igreja não sentiram grandes tensões entre o Doutor e o Pastor. Havia neles uma natural

³ Cf., por exemplo, «Razão e Fé no Pensamento de Santo Agostinho», in *Didaskalia* XXIX (1999), pp. 249-255.

continuidade entre ambos: veja-se o caso dos Padres Capadócijs ou de Santo Agostinho, onde o Bispo e o *amante da sabedoria* se coordenam naturalmente. Todavia, tal relação entre a Fé e o Saber complicou-se, mais tarde, nos sécs. XIII e XIV, tendo mesmo gerado grandes tensões na fundação da Ordem Franciscana. São Boaventura, *ora pro nobis!* De facto, sem ele os Frades Menores teriam corrido o risco de se tornarem anarquistas místicos, em cruzada contra a racionalidade. É certo que o Seráfico Pai Francisco autorizou o nosso conterrâneo António (Santo António) a estudar Teologia. Mas, reconheça-se, foi obra de São Boaventura não ter permitido que se atirassem os livros à fogueira. Mas, enfim, se trago para aqui estas considerações, é para sublinhar melhor a fisionomia intelectual do Professor Costa Freitas, pois, como se sabe, as tensões entre a pastoral e a inteligência, entre o Pastor e o Doutor, não são apenas de ontem e de modo algum estão superadas hoje. O que é que eu quero dizer com isto? Apenas que o Professor Costa Freitas, de novo com uma paradoxal expressão – *pastoral da inteligência* —, visava uma espécie de lugar limite, talvez a *quadratura do círculo* entre pensamento e realidade, entre conhecimento e acção, entre o *ora* e o *labora*, entre contemplação e acção. Sabemos bem que estas tensões perpassam hoje, e talvez sempre, as Congregações e Ordens Religiosas, mas também as Universidades. Nem sempre há lugar para a pastoral da inteligência. Contudo, permitam os Franciscanos da Luz, aqui presentes, que lhes diga – e perdoem-me a familiaridade, mas já perdi o natural acanhamento —, que podem e devem ter muito orgulho neste vosso Irmão Pastor da Inteligência e Pastor do Ser. É verdade que a «*seita*» dos filósofos é sempre um pouco inadaptada, com esquisitices e que muitas vezes vê o mundo de pernas para o ar, como se andassem a fazer o pino, qual *visão ginástica* do seu querido Pai Francisco e do mestre Leonardo Coimbra. É verdade que, para além da assistência espiritual à capela da Fonteira, o Pe. Freitas pode não ter tido uma Paróquia. Sim, é certo. Mas apenas porque o território da sua Paróquia é transcendental e não territorial: foi a inteligência dos seus alunos. E esta inteligência, graças a Deus, não se esgota nem se limita a nenhuma Universidade, por mais *Católica* que seja. Deixem-me, pois, exclamar com o hagiógrafo: *Viditque Deus cuncta quae fecit et erant valde bona.* / «*É Deus viu todas as coisas que tinha feito e eram todas muito boas*». E sobretudo, acrescento eu, era boa a inteligência dos homens. Porque, como não se cansa de repetir sempre de novo, com o autor de *A Alegria, a Dor e a Graça*, «*a árvore entrega as suas sementes ao vendaval; o*

homem escolheu a inclinação a que obedece». Só a sua meditação sobre esta passagem da obra de Leonardo Coimbra e o sentido de futuro que lhe outorga dariam de si um amplo estudo.

Queria dizer-vos que ainda trazia aqui já engatilhadas no meu albornoz – mas o tempo que me deram está quase a acabar – vários *flagrantes da vida real* como, por exemplo, aquele em que uma aluna, em Prova Oral, não sabia se um carrinho-de-mão se puxava ou se empurrava e como o Professor Costa Freitas acabou por lhe dar uma lição sobre o *princípio do terceiro-incluído*. Indo, porém, um pouco mais ao sério, queria terminar com uma expressão que muitas vezes lhe ouvi e com a qual venho cada vez a concordar interiormente. Respondia ele amiúde, sobretudo aos alunos finalistas que vinham pedir que lhes assinasse as fitas, que o *Diploma* era um atestado de má consciência. Que quando o emoldurassem e o dependurassem na parede e, depois, olhando-o com orgulho, nele lessem: «*Filosofia Antiga, 15 valores*», «*Axiologia e Ética, 17 valores*», «*Filosofia Medieval II, 16 valores*», deveriam exclamar: «*Eh! António, eh! Luís, eh! Sofia: o que tu ainda não sabes! Vê lá se te pões a par do que o Diploma diz*».

Nos já doze anos que levo de docência universitária, confesso que tenho meditado muitas vezes nesta expressão e, aplicando-a agora ao meu trabalho docente, creio cada vez mais firmemente que ela é verdadeira: de facto, nestes tempos conturbados em que, parece, os Professores têm de se tornar *entertainers* profissionais, um dos papéis mais importantes do Professor é deixar os alunos em *estado de má consciência*: «*Eh!, o que eu ainda não li, eh! o que eu ainda não sei*». E se conseguir passar este *saber do que ainda não se sabe* e um pouco do desejo de o saber, talvez já tenha cumprido a sua missão. Isto aprendi-o eu na primeira pessoa, com o Professor Costa Freitas, não apenas nas salas de aula, mas também nos corredores, aqui e ali, e ainda muitas vezes quando, à tarde, saídos da Universidade, íamos juntos tomar uma bebida e debicar uma *missanguinha*, ali algures para os lados de Telheiras. Quantas vezes, nesse contexto informal, onde o Professor Costa Freitas era ele todo, me encontrei a pensar ante a sua espantosa erudição: «*Eh!, o que tu ainda não sabes! Põe-te a par!*».

E devo testemunhar aqui, porque é verdade, que alguma atitude mais paternal, que alguns dos seus alunos confundiam com paternalismo, brotava de uma alma inteira, que jamais apagava uma torcida a fumar. Era esse ainda o seu modo de dizer a ternura que nutria pelos seus alunos. E assim aquele sorriso jamais foi de sarcasmo, mas ironia

auto-transcendente, como uma brisa, um sopro lançado à fogueirinha da inteligência, esperando que a chama se acendesse. Um *incendiário*, pois. Um *incendiário da inteligência*: eis um título que para terminar até não lhe ficaria nada mal, tantas foram as vezes que nos disse que os livros eram para deitar fora e para queimar – «*mas só depois de terem sido lidos e compreendidos*». E termino insistindo numa ideia que, no meio das convulsões da vida nos últimos tempos, me acomete com maior insistência: as pessoas com quem nos vamos cruzando e que vamos conhecendo são a grande e a maior riqueza da nossa vida. Por isso, muito obrigado Professor Costa Freitas! *Plurimos annos!*